

O ESPORTE: UMA DIVERSÃO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX¹

Victor Andrade de Melo²

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO: Partindo de um debate introdutório sobre a necessidade de considerar a história do esporte como uma história dos entretenimentos, bem como de repensar os conceitos utilizados em nossas investigações em função de peculiaridades do objeto e dos recortes temporal e espacial, este artigo objetiva discutir a conformação da prática esportiva como uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX.

Palavras-chave: História do lazer. História do esporte. Diversão.

THE SPORT: AN ENTERTAINMENT IN 19TH CENTURY RIO DE JANEIRO

ABSTRACT: Since an introductory debate on the need to consider the history of the sport as a history of entertainment, as well as the adjustment of the concepts used in our researches in function of the peculiarities of the object and the temporal and spatial settings, this article aim to discuss the conformation of sports as a entertainment in 19th century Rio de Janeiro.

Keywords: Leisure history. Sport history. Entertainment.

EL DEPORTE: UNA DIVERSIÓN EN EL RIO DE JANEIRO DEL SIGLO XIX

RESUMEN: A partir de un debate introductorio sobre la necesidad de considerar la historia del deporte como una historia de entretenimiento, así como del ajuste de los conceptos utilizados en nuestras investigaciones en función de las peculiaridades del objeto y de los recortes temporales y espaciales, este artículo pretende analizar la conformación del deporte como una diversión en Río de Janeiro del siglo XIX.

Palabras-clave: História del ocio. História del deporte. Diversión.

Introdução

Nos últimos anos, tenho sugerido que é necessário considerar de forma mais decisiva que a investigação da história do esporte deve ter em conta e se assumir como uma história das práticas de entretenimento. Entender que o fenômeno se estrutura em meio à consolidação de um mercado específico parece-me ser um passo importante para aprofundar nossas compreensões acerca da sua conformação e inserção social (MELO, 2011; MELO, 2013a).

¹ Este artigo incorpora algumas reflexões já publicadas em outras ocasiões. Agradeço ao colega Mauro Myskiw pelo convite para integrar este dossiê, bem como a ele e à Profa. Christianne Gomes pela possibilidade de compor esta contribuição desta forma.

² Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

Tal entendimento parte menos de uma posição teórica a priori e mais das investigações que tenho desenvolvido sobre as práticas esportivas e de entretenimento no Rio de Janeiro do século XIX. É também a partir dessas experiências que tenho sugerido ser pouco operacional o conceito de lazer, conforme tratado na literatura corrente, para abordar certos recortes temporais e espaciais. No caso dos meus estudos, por exemplo, tenho percebido ser mais útil lidar com compreensões “nativas”, fazendo uso de uma noção bastante cara à Antropologia³.

Nesse sentido, trabalho com o conceito de esporte conforme foi sistematizado no Rio de Janeiro do século XIX. Tenho em conta um certo conceito teórico (no meu caso, uso muito a noção de campo esportivo de Pierre Bourdieu⁴), mas estou interessado mesmo em investigar o que era denominado de *sport* pelos agentes do tempo – especialmente na imprensa –, buscando melhor compreender a gênese do fenômeno no tempo-lugar pesquisado⁵.

Da mesma forma, percebo que o uso do termo lazer era bem pouco corrente. Em compensação, costumeiramente se falava de diversão ou divertimento. Meu intuito tem sido investigar aquilo que assim era denominado, tentando prospectar a organização de um mercado ao redor dos entretenimentos que se articulava com o cenário específico da cidade⁶.

Perceba-se, assim, que, reivindicando que se trata de uma dimensão fundamental para que se entenda melhor qualquer contexto, em última instância estamos inferindo que tais estudos não podem prescindir dos procedimentos usuais de qualquer pesquisa histórica (MELO, 2011; MELO, 2013a).

Em meados do século XIX, um personagem começava a se fazer mais presente no cotidiano da capital do Brasil recém-independente: o homem público⁷, que valorizava as experiências vividas nos mais diversos cenários sociais que se delineavam numa cidade cada vez mais dinâmica. A emergência dessa personalidade (uma nova postura, por vezes mesmo um estilo de vida) tem relação com o momento pelo qual passava o país.

Nos anos 1850, uma maior estabilidade e aperfeiçoamento da burocracia estatal (notável a partir da assunção de Pedro II ao trono), a melhoria das condições econômicas (em função, entre outras coisas, do fim de algumas dívidas herdadas do período de reconhecimento da independência, bem como dos bons resultados na agricultura) e o estabelecimento de vínculos mais intensos com o continente europeu (possíveis, inclusive, graças ao uso de novas tecnologias, como o telégrafo e o navio a vapor) marcam um novo momento para a sociedade brasileira.

Na capital do país, sentiram-se, em vários âmbitos, os desdobramentos dessas mudanças. Mesmo que persistissem ocorrências contraditórias, como a escravidão, começou a melhor se expressar a intenção de que o Brasil fosse reconhecido pelo seu caráter civilizado e pela adesão a ideias de progresso (SCHWARCZ, 1998).

3 Para um debate sobre a noção de nativo, ver Viveiros de Castro (2002).

4 Ver Bourdieu (1983) e Giulianotti (2005).

5 Para um debate sobre os primeiros usos do termo no Rio de Janeiro, ver Melo (2014a).

6 Aprofundi tal debate, inclusive dialogando com a ideia de uma história dos conceitos, em Melo (2013a).

7 Uso o termo englobando homens e mulheres. Essas também começaram a aumentar sua presença e protagonismo social. Para mais informações, ver Melo (2007).

O Rio de Janeiro foi fortalecendo-se como espaço de importantes experiências de modernização (SCHWARCZ, 2011), inclusive no que tange à infraestrutura urbana. Nesse cenário, observa-se uma maior valorização e estruturação do comércio de “luxos” e entretenimentos (MARZANO, MELO, 2010), relacionados, inclusive, à conformação de uma sociedade civil mais organizada, que desejava e necessitava expor publicamente seus símbolos de *status* e distinção. Essa “devoção ao divertimento”, não qualquer diversão, mas sim aquela que fosse considerada útil para o momento pelo qual passava a nação, era um aspecto que reforçava a centralidade do Rio de Janeiro no Império:

é na capital, durante os anos de 1840 e 1860, que se cria uma febre de bailes, concertos, reuniões e festas. A corte se opõe à província, arrogando-se o papel de informar os melhores hábitos de civilidade, tudo isso aliado à importação dos bens culturais reificados nos produtos ingleses e franceses (SCHWARCZ, 1998, p. 111)

José de Alencar ironizou esse novo conjunto de “encargos sociais”, a grande movimentação observável ao redor do número crescente de entretenimentos. Em função desse quadro, o literato clama por uma reestruturação na semana de trabalho:

Se os antigos, que não tinham baile, nem teatros líricos, nem concertos, nem clubes, nem corridas, e que se contentavam com algum sarau de vez em quando, inventaram os dias santos para filarem assim dois dias de descanso, nós, que temos durante a semana todo esse enorme acréscimo de trabalho imposto pela sociedade, nós que já fomos privados dos dias santos, devemos em todo o rigor da justiça lograr mais um dia de descanso, e juntar a terça-feira à segunda, a fim de poder na quinta encerrar o trabalho, com o espírito calmo e o corpo bem disposto⁸.

Percebe-se uma diversificação das opções de diversão: bailes (MELO, 2014b), práticas esportivas e ginásticas (MELO, 2013b; MELO, PERES, 2014), touradas (MELO, 2013c; MELO, 2015a), circos (MELO, PERES, 2014), teatros (MARZANO, 2008), riques de patinação (MELO, 2016a), Fábricas de cerveja (MELO, SCHWAN, 2016), entre outras⁹, entre as quais uma estrutura pública de alimentação que se relaciona ao entretenimento. Isso é, não se tratava mais somente de estabelecimentos que ofereciam o repasto cotidiano, mas sim que eram buscados para também conversar, encontrar gente, ouvir música, assistir a algumas atrações:

Comer deixa de ter apenas a sua função biológica, de nutrição para sobreviver, entra para a categoria de lazer e entretenimento, assim como também passa a ser indicador de *status* e classe social, classificando e distinguindo gostos culinários (HECK, 2004, p. 137).

Falemos mais de como as práticas esportivas se conformaram com uma diversão valorizada naquele cenário.

⁸ Correio Mercantil, Rio de Janeiro, p. 2, 1 de outubro de 1854.

⁹ Para mais informações, ver Marzano e Melo (2010).

Esporte: uma diversão útil

No Rio de Janeiro, os momentos iniciais da prática esportiva devem-se a britânicos que na capital se estabeleceram por razões de comércio e/ou posições políticas junto à corte portuguesa (desde 1808) ou junto ao imperador (a partir de 1822). Era por eles encarada como uma das formas de recriar típicas atividades de diversão, de gerar mecanismos de autoidentificação, de minimizar as dificuldades de viver em uma cidade que parecia bastante provinciana para quem vinha de um país em grande efervescência.

Sabe-se que a colônia britânica na cidade, que constituía uma sociedade à parte, organizava constantemente piqueniques, bailes, passeios e também alguns “jogos ingleses”. Alguns indícios podem ser encontrados nos diários de Graham Eden Hamond, que no Rio de Janeiro esteve em 1825, comandando o navio que trouxe Charles Stuart, embaixador responsável por negociar o reconhecimento português da independência brasileira, e entre 1834 e 1838, como almirante-em-chefe da esquadra do Atlântico Sul.

Percebemos que os britânicos, naquela primeira metade do século XIX já promoviam partidas de uma modalidade muito relacionada a seu *ethos*, o críquete (MELO, 2016b). Da mesma forma, estavam envolvidos com a organização das primeiras corridas de cavalos (MELO, 2014a). Naquela primeira metade, contudo, destacavam-se mesmo as partidas de jogo da bola (MELO, 2016c) e as touradas (MELO, 2013d).

Os clubes esportivos somente seriam criados a partir da metade do século XIX. Assim o memorialista Luiz Edmundo cita a importância das corridas de cavalo no Rio de Janeiro daquele centúria:

Que se há de fazer se na desamparada cidade não existem bons divertimentos, lugares de certa distinção, onde se possa encontrar um pouco de elegância e alegria? A alegria dos homens tristes do tempo, a elegância das sobrecasacas do Raunier, das cartolas, da chapelaria Watson, dos vestidos de Madame Estiougheit, que a esses lugares sempre se foi menos para assistir cavalos desabridos, sob a ação furiosa de chicotes, correndo em prélios tumultuosos, que para gozar a polidez ou a louçania de um ambiente cheio de animação e espiritualidade (EDMUNDO, 1957, p. 843).

Curiosamente, em sentido semelhante, um certo Rogério, no Jornal do Brasil de 31 de janeiro de 1893, enalteceu os hipódromos como uma das únicas formas de diversão da cidade. Segundo seu olhar, no Rio de Janeiro, ao contrário da Europa: “não se encontra absolutamente nada. Nem vida de cafés, nem vida de teatro, nem vida de passeios” (p. 5).

Certamente, estavam esses personagens exagerando. A cidade já tinha uma vida cultural bastante ativa, ainda que distante da excitabilidade pública que já marcava alguns países europeus que se encontravam na vanguarda do capitalismo internacional, entre os quais França e Inglaterra, duas grandes influências no desenvolvimento de novos hábitos no Brasil.

De qualquer forma, vale destacar que os esportes foram sempre encarados, em vários sentidos, como divertimentos “úteis”. Eram claramente concebidos como uma forma de identificação com o “mundo civilizado europeu”, de demonstração de avanço ou

constatação do atraso social, como podemos ver nas falas anteriores, no que se refere ao turfe, e em uma matéria publicada no *Correio Mercantil*, em 1861, que assim apresentava o remo, na época ainda dando seus primeiros passos: “*utile et dulce*. Nós somos um povo essencialmente importador: não admira, portanto, que importemos as regatas da Inglaterra” (*apud* RENAULT, 1978, p. 209).

Outros argumentos eram mais curiosos. Vejamos, por exemplo, os comentários de Jorge Odemira, publicados no *Folhetim da Gazeta de Notícias* de 6 de setembro de 1875. Ao comentar com entusiasmo as regatas realizadas na cidade, o autor reivindica investimentos governamentais para garantir a sua continuidade já que supostamente será uma estratégia para “diminuir o número de incêndios e suicídios” (p. 1).

Os argumentos mais usuais relacionavam-se a uma possível contribuição das práticas para a economia nacional. As agremiações de turfe, desde o pioneiro Club de Corridas, criado em 1849, sempre contemplaram em seus regulamentos, baseados nos modelos franceses e ingleses, dois argumentos para justificar a importância das corridas de cavalos: proporcionar uma diversão para a população e o aperfeiçoamento da “raça cavalar brasileira”, considerada de menor valor perante as europeias e argentinas. Da mesma forma, os clubes de remo constantemente ressaltavam seu valor para o progresso da Armada do país.

Na verdade, o principal mesmo era o potencial de constituir um espaço de visibilidade, um teatro público relacionado à valorização de certos princípios em vigor e/ou construção, causa e consequência da gestação de uma sociedade civil mais ativa. As instalações esportivas eram locais ideais para ver e ser visto, marcando inclusive as diferenças sociais.

Os hipódromos eram divididos em quatro setores: público em geral; sócios; autoridades e convidados especiais, onde os sócios tinham relativo trânsito; um setor especial para a imprensa (sempre importante para divulgar as atividades). As arquibancadas montadas por ocasião das regatas somente eram acessíveis aos associados de agremiações, convidados especiais e autoridades, que também faziam uso de barcos fundeados na Baía de Guanabara. A população interessada se espalhava pela orla.

Na verdade, as diferenças entre os dois esportes que primeiro se sistematizaram, o turfe e o remo, bem dramatizam as mudanças pelas quais passou a sociedade fluminense no decorrer do século XIX em seu processo de “modernização”.

O turfe: luxo e glamour

Podemos considerar as décadas de 1850 e 1860 como o período embrionário do turfe. Foi um momento marcado pela indefinição dos caminhos da modalidade, algo relacionado às próprias peculiaridades de uma sociedade que se abria para uma maior vivência pública, mas que ainda mantinha antigos padrões familiares que valorizavam mais as experiências privadas (MELO, 2015b).

No decorrer das décadas de 1870 e 1880, novos clubes são criados e se consolidam. Aumenta a popularidade da prática, como se pode ver registrado nos jornais: “Todas as

classes da sociedade concorrem com seu contingente, vai povo de todos os pontos e de todas as castas; é que há ali com que satisfazer a todos os paladares [...] Vamos, pois, as corridas! Ricos e pobres, moços e velhos, velhas e moças!”¹⁰.

Um dos motivos relacionados a tal consolidação foi o desenvolvimento de um melhor sistema de transporte urbano. Eduardo Pacheco é um dos que chama a atenção para a importância desse fato:

Os modernos frequentadores de corridas que para chegarem aos atuais hipódromos vão pendurados às colunas dos bondes, ou arriscam-se a viajar de pé nas plataformas dos carros da estrada de ferro [...] imaginem as conduções públicas de 1851 a 1854 (1893, p. 5).

Se em 1869, Angelo Agostini, na charge “Corrida na Estação do Caminho de Ferro”, ironiza a dificuldade de se pegar um trem até o hipódromo do Jockey Club¹¹, na década final do século Olavo Bilac já afirma que:

Às quintas-feiras e domingos, abriam-se ao povo, três, quatro, cinco prados de corridas. Os bondes levavam gente nos bancos, nos estribos, nas plataformas, nos tejadilhos. As locomotivas da Central arrastavam comboios de dez e doze vagões atulhados de uma multidão risonha e bulhenta (*apud* COSTA, 1961a, p. 280)¹².

Assim, na década final do século XIX, “a cidade, sem possuir, ainda, um milhão de habitantes, dá-se, no entanto, ao luxo de exibir nada menos que quatro prados. [...] E todos eles cheios. E todos eles realizando corridas sensacionais” (EDMUNDO, 1957, p. 957). As corridas de cavalos se tornaram uma grande diversão, um evento da moda, no qual os cavalheiros e damas das elites desfilavam seus trajes novos e sua pompa, enquanto os populares encontravam um pouco de divertimento, por vezes iludidos pela possibilidade de melhorar de vida em função das apostas.

Nos jornais, bares e restaurantes eram fartamente discutidos os resultados do dia anterior e os prognósticos para as próximas provas. Afirmava-se no Jornal do Brasil de 2 de julho de 1891: “Nos bondes, nos cafés, em toda parte e até nas igrejas, homens, senhoras, crianças, todos discutem e sustentam que no cotejo Luendro II dê um galope firme” (p. 3).

Nas crônicas de Olavo Bilac, podemos encontrar um panorama das provas de turfe. Em “As corridas” (*apud* COSTA, 1961a, p.280), sugere:

E era ver o espetáculo do Prado, - as arquibancadas, como vastos canteiros de flores humanas, pompeando ao sol o esplendor das claras toaletes de verão, num delírio de cores, num emaranhamento deslumbrante de fitas, de plumas, de rendas; o recinto da paisagem, cheio da turba dos *sportsmen* suados e ofegantes, discutindo, rixando, berrando; e os bolos de gente ávida, junto dos guichês, disputando as pules a murro e a pontapé;

10 Gazeta de Notícias, 8 set. 1875. p. 1.

11 Dizia a charge: “Esta corrida, apesar de não ser anunciada no programa, foi a mais porfiada de todas. Houve gritarias, grosserias, berrarias, pancadarias, vozeria, com acompanhamento de implicações, empurrões, beliscões, bofetões, atropelações, amarrotações, cachações, maldições e etc. etc. etc” (*apud* CARVALHO, 1998, p.37).

12 Em 1861, foi aberta a estação “São Francisco Xavier”, depois renomeada para “São Francisco Xavier-Hippódromo”. Em 1885, também foi inaugurada a estação “Derby Club”.

e os botequins reboantes de clamores, de tinir de copos, de estalar de rolhas; e a raia, embaixo, lisa, batida, inundada de luz, por onde os cavalos voavam em nuvens de poeira dourada, entre as aclamações delirantes!

Bilac (*apud* COSTA, 1961a, p.280) percebe como o turfe até mesmo ditava alguns comportamentos:

Era uma coisa assombrosa! Todo mundo falava a gíria do *sport*. Todos os homens usavam na gravata o alfinete clássico da ferradura. As fazendas, em que as senhoras cortavam os seus vestidos, tinham estampagens de chicotes, de loros, de casquetes de jóquei. E se acontecia adoecer um cavalo dos bons, dos gloriosos, dos que mais vivamente mereciam o amor dos entusiastas, - que mágoa, que terror, que consternação na cidade!

Indícios da forte presença do turfe na cidade podem ser identificados nos mais diferentes aspectos. Por exemplo, na vestimenta. Era comum dizer que, em grandes cerimônias e ocasiões especiais, os homens deviam ir vestidos “à jockey”. No teatro, se representava a comédia “Entrei para o Jockey Club”, uma comédia de costumes de Joaquim José de França Júnior.

Nem todos, contudo, eram tão empolgados quanto o poeta (que era fã ardoroso dos esportes, para ele um indicador de que “civilizava-se” a sociedade brasileira). Eduardo Pacheco, por exemplo, era mais crítico no que se refere ao público:

Eram leques, abanos e abanilos de todas as cores, tamanhos e feitios; figuras grotescas penduradas ali e acolá [...]. O terraço da imprensa foi transformado em um parreiral de moscatel em plena frutificação, como muita uva e pouca parra. Tudo bonito e custoso (1893, p. 6).

Durante muitos anos, o Jockey Club, bastante ligado ao setor agropecuário, foi a principal agremiação de turfe da cidade. Na virada da década de 1890, tornou-se uma instituição modelar, muito confortável, e começou a testar algumas inovações: atividades noturnas, corridas de carros romanos, provas de equitação. Também algumas provas de ciclismo eram realizadas entre os páreos de cavalos. Tudo valia para tornar mais atraentes as corridas e levar ainda mais público ao hipódromo.

Nos anos finais da década de 1880, contudo, surgiu outra agremiação que começou a ganhar espaço. O Derby Club, ligado mais a um estrato urbano das elites, contribuiu para uma ainda maior popularização das corridas. Seu hipódromo, o Prado Itamaraty, situava-se mais perto do centro e das áreas residenciais da cidade naquele momento, no bairro do Maracanã (exatamente onde hoje está construído o Estádio Mário Filho).

Desde sua reunião inicial, o Derby se destacou por sua organização e pelo sucesso de público: divulgação bem-feita, bilhetes de entrada vendidos com antecedência, maior conforto nas arquibancadas, sistema de transporte farto e adequado (com bondes e trens), programa cumprido sem problemas e a presença sempre destacada de influentes governantes. O evento inaugural do Prado Itamaraty parece ter sido um grande acontecimento social:

Como era esperado, foi esplêndida a festa de inauguração do Derby Club. Cerca de 8000 pessoas assistiram às corridas, que estiveram animadíssimas, e que se realizaram sem haver motivo para reparo ou reclamação alguma. A diretoria foi de extrema amabilidade para com todos os seus convidados¹³.

Curioso é o caso de um prado que se instalou em São Cristóvão, o Guarany, próximo a uma pequena vila de operários, onde três outras sociedades de curta duração organizaram suas corridas: o Sport Club, o Hippódromo Fluminense e o Sport Fluminense. Tratava-se de um espaço com características mais populares: “as arquibancadas eram de madeira e sem cobertura e os animais que tomavam parte em sua carreira, em sua maioria, eram peludos ou já afastados das pistas do Jockey Club e do Prado Vila Isabel. Um pradosinho de 3ª ordem” (COSTA, 1961b, p. 63).

Luiz Edmundo também lembra do Prado Guarany como um local de segunda categoria, associando-o a um lugar de tumulto constante:

Qual velho não se lembrará, hoje, do famoso prado que se chamou Vila Guarany, cognominado Maxixe, que existiu para as bandas da Praia Formosa e do qual se pode dizer que, sendo o mais tribofeiro entre todos os de seu tempo, foi, ainda, o que mais sofreu a ação violenta e justa da massa popular, que vivia constantemente a depredá-lo? (EDMUNDO, 1957, p. 849).

Vale a pena falar um pouco sobre os “tribofes”, confusões das mais diferentes ordens: suborno de jôqueis, árbitros que ocasionalmente se equivocavam (já que na época não havia muitos recursos eletrônicos) ou que “fabricavam resultados”; alguns episódios descaradamente desonestos. Muitas vezes esses tumultos eram marcados por violência, depredação dos hipódromos, surra nos jôqueis e proprietários dos animais. Eram observáveis em todos os clubes de turfe, mas eram mais comuns e graves no Prado Guarany.

Esses clubes mais populares contavam com a presença de bom público, inclusive devido aos preços mais baixos de entradas e de apostas. Embora tivessem instalações menos luxuosas, cavalos de segunda categoria e um programa muito confuso e eclético, muitas corridas animadas foram realizadas. Essas agremiações vieram a falir em função de sua própria desorganização, mas também em decorrência das restrições impostas pelos clubes “nobres” da cidade, incomodados tanto com seu sucesso quanto com a falta de controle sobre o que se passava por lá.

É importante, portanto, perceber que, de alguma forma, os populares também interferiam ativamente no espetáculo esportivo. Se não podiam dirigir os clubes e as competições, se não podiam frequentar as tribunas de honra, não eram também incautos quanto às peculiaridades da prática. Quando se consideravam ludibriados, interferiam de forma peremptória.

No que se refere ao turfe, um último ponto merece referência: expressou e reforçou uma nova presença feminina na cena pública. Nos eventos turfísticos, as mulheres estavam sempre presentes, acompanhando seus maridos e desfilando seus vestidos de última moda. Sua presença nos acontecimentos esportivos era também concebida como

¹³ Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1885.

mais uma forma de apresentá-las à “nata da sociedade”, predispondo-as a um vantajoso matrimônio. Para as solteiras, era até mesmo uma possibilidade de flertar. Delso Renault resume bem tal trajetória no decorrer do século, assim como o papel da modalidade nessa mudança de rumos:

Nos idos coloniais a mulher saía para orar na igreja mais próxima. Seu traje era simples, barroco. Depois passou a freqüentar o teatro, os passeios e sua toaile se apurou. Agora ela se enfeita, também, para ir ao Prado Fluminense, aos bailes, aos saraus, às exposições, às confeitarias (RENAULT, 1982, p.152).

A despeito do aumento de sua participação como público nos hipódromos, não consegui identificar a presença de mulheres nas diretorias dos clubes ou entre os organizadores de competições. Houve somente algumas poucas corridas especiais com jóqueis mulheres. Isso pode significar que a elas era reservado um papel secundário: meras assistentes, constantemente exaltadas por “embelezarem” e demonstrarem o quão familiar era o espetáculo. De qualquer forma, não se pode negar que foi uma alternativa de maior participação social em um momento de muitas restrições¹⁴.

O remo: novos corpos, novos tempos

O remo já existia na cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1850, mas a princípio sua consolidação se deu a passos mais lentos (MELO, 2015b). As restrições à prática estavam relacionadas: à estética corporal dos remadores, fortes e com a musculatura desenvolvida, pouco usual em uma época onde se valorizavam os tipos físicos magros e fracos; à pouca quantidade de roupa que eles usavam, o que ocasionava críticas quanto ao pudor da modalidade; à compreensão de que tratava-se de uma atividade física intensa, quando os exercícios eram muitas vezes considerados prejudiciais à saúde e de menor valor perante às atividades intelectuais.

Nas duas décadas finais do século XIX, todavia, melhor se delineiam na cidade um conjunto de mudanças, o forjar de novos parâmetros culturais a partir da ideia de construção de um “projeto de modernidade”, que contribuem para fazer declinar as restrições ao esporte náutico, que a partir de então melhor se estrutura, passa cada vez mais a ser aceito pela população, bem como encarado como um sinal dos novos tempos.

Deve-se ter em conta que, desde meados do século, a prática dos banhos de mar vinha ganhando espaço na cidade, paulatinamente abandonando-se o exclusivo caráter terapêutico que marcou seus primeiros momentos. Observava-se, inclusive, a gestação de um mercado ao seu redor. Os aluguéis na Praia de Botafogo, por exemplo, tornaram-se mais caros, sempre sendo ressaltadas nos anúncios as facilidades que o bairro oferecia para o acesso ao litoral.

As empresas de bonde também utilizaram a praia como estratégia de publicidade, oferecendo opções de acesso. Os passeios marítimos e as excursões para os balneários mais distantes (como, na época, Copacabana) se tornaram mais frequentes. Os banhos

¹⁴ Para mais informações sobre o turfe, ver Melo (2001).

de mar passam a ser utilizados como pano de fundo para propagandas ligadas a remédios e tônicos, também apresentados como vantagem oferecida por casas de saúde e hotéis.

Em um contexto em que se observa uma valorização das vivências públicas, reduzem-se as restrições relativas à exposição corporal e observa-se o aumento da aceitabilidade de um novo modelo de corpo, bem como da valorização da ideia de saúde, o que induz à ocupação das praias com outros sentidos que não somente terapêuticos. Paulatinamente, tornou-se possível assistir homens “nus” competindo nos mares.

Um dos que mais exaltou o remo, para ele um indicador de um novo momento da sociedade brasileira, foi Olavo Bilac. Em uma de suas crônicas publicadas no início do século XX (*apud* MENDONÇA, 1909, p. 398), apresenta o espetáculo das regatas valorizando as imagens de uma nova estética corporal: “As arquibancadas estavam cheias, as carruagens custavam a mover-se, e o povo aplaudia, com entusiasmo e alegria, a robustez e a máscula beleza dos bravos rapazes que conduziram [...] as suas esbeltas baleeiras”.

Para o literato, naquele momento: “O que era mania de poucos mudou-se na religião de muitos. Hoje, os clubes de regata são oito ou dez; e os *rowers* não são apenas estrangeiros: são brasileiros também, são quase todos os rapazes do comércio e das escolas”. (*apud* MENDONÇA, 1909, p. 398). Na verdade, há que se destacar, o remo tornou-se o esporte preferido de um setor urbano das elites, que não poucas vezes estabelecia críticas a determinadas práticas que deveriam ser abandonadas por lembrarem um passado rural (e muitas foram as tensões com as próprias agremiações de turfe). O esporte náutico passou a ser compreendido como expressão do novo homem, desafiador e pronto para conduzir com seus próprios braços a nação.

O remo tornou-se uma moda nos anos iniciais do século XX. Como lembra João do Rio (*apud* COSTA, 1961a, p. 278):

Rapazes discutiam “muque” em toda parte. Pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam largos peitorais e a cinta fina e a perna nervosa e a musculatura herculeana dos braços. Era o delírio do *rowing*, era a paixão dos esportes. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos.

O público que comparecia às regatas era originário de diversas camadas sociais. Contudo, os locais nos quais assistiam à competição eram diferenciados segundo sua condição econômica: arquibancadas, janelas das casas, parapeitos do cais. É importante observar que a movimentação das elites extravasava as areias das praias. Era uma oportunidade para abrirem suas casas para recepções luxuosas, para receberem seus pares, para abrirem seus salões¹⁵, mais um indicador da mudança nos hábitos fluminenses. De qualquer forma, bem observa Luiz Edmundo:

A enseada inteira se engalana para os dias de certame marítimo. O povo trepa no cais. Cruzam carruagens. No lado do mar há barcas da Cantareira,

15 Os salões tinham uma função semelhante a dos clubes (local de contato entre os membros das elites, de expressão de *status* e distinção), com o diferencial de que eram ainda mais seletivos. Como aconteciam nas residências, era menor o círculo de convidados, que passavam algumas horas tocando piano, conversando, recitando. Era, logo, um espaço intermediário entre o caráter privado da família e o caráter público dos clubes.

pejadas de povo, com charangas, com danças e namoros. Além das barcas, rebocadores e lanchas pejadas de famílias. Até as 6 horas da tarde é um delírio no mar, na praia. [...]. Respira-se, em todo o caso, um ambiente de alegria, de mocidade, de festa, que agrada e que faz bem (1957, p. 840).

Com tamanha popularidade e ajustado às novas dimensões culturais valorizadas na transição dos séculos XIX e XX, não surpreende perceber que houve iniciativas governamentais de apoio e incentivo ao remo. Para os clubes, seria uma solução para que não dependessem nem precisassem recorrer tanto ao patrocínio das empresas, além do prestígio que significava o auxílio e a presença das autoridades nas competições. Para os governantes significava estimular uma prática bastante adequada ao conjunto de mudanças que estava sendo implementado.

Entre outras ocorrências nesse sentido, vale destacar a relação das agremiações com Pereira Passos, pelo significado que o na época prefeito do Distrito Federal teve para a implementação de um projeto de modernidade na cidade do Rio de Janeiro. Esse relacionamento nos permite perceber como o esporte náutico esteve imbricado nas propostas de reformas dos anos iniciais do século XX.

Passos também estabeleceu contatos com outros esportes. Sua presença e seu apoio eram constantemente solicitados (e atendidos), por exemplo, pelos clubes de ciclismo, atletismo e turfe. Com o remo, todavia, a relação era mais direta e mais constante, indubitavelmente pelo significado que esse esporte tinha para seus projetos. O prefeito ofereceu prêmios para competições, conseguiu subvenções públicas para estimular a prática, construiu instalações provisórias para algumas regatas, reduziu impostos para a importação de barcos mais velozes, constantemente convidou remadores para celebrar (e “enfeitar”) o lançamento e a inauguração de obras.

Ainda mais, em uma cidade em pleno processo de reforma e saneamento, incluiu a construção de instalações para o remo nos projetos de intervenção urbana. Se a Avenida Beira-Mar era uma de suas prioridades, nada como celebrar tal construção simbólica com um divertimento moderno e civilizado.

Em 1905, Passos mandou instalar barracões que funcionaram como garagens de barcos para os clubes Botafogo e Guanabara¹⁶, melhorou as condições dos locais onde a população se banhava com frequência (a praia de Santa Luzia e a praia do Boqueirão) e concedeu uma das solicitações mais antigas das agremiações: a construção de um espaço permanente para a realização das competições - o Pavilhão de Regatas, instalado na Praia de Botafogo, na altura das ruas D. Carlota e São Clemente.

Mais do que servir somente às regatas, o Pavilhão rapidamente transformou-se em um centro de divertimentos para as elites. Situado em um local com bela e aprazível vista, possuía coretos para duas bandas de música, área central para autoridades, duas arquibancadas no térreo, espaço para o *buffet*. Já em 1906 estava dotado de luz elétrica (o que permitia que funcionasse até a madrugada). Nesse mesmo ano, inaugurou-se um bar com orquestra, uma casa de chá, além de oferecer excursões de barco pela Baía de Guanabara. Assim exaltou a novidade um jornalista:

¹⁶ Tal obra foi inaugurada em 1905, como parte de comemoração do aniversário do prefeito, mas somente foi totalmente concluída em 1906.

Naquele belo recanto da cidade está desde ontem instalado com todo conforto e apurado gosto um pavillon-bar de onde se desfruta a par de um panorama lindíssimo, tudo o que de moderno se pode exigir em estabelecimentos deste gênero, havendo grande profusão de bebidas e gelados [...]. No pavimento superior do pavilhão, artisticamente mobiliado, estão instalados aqueles serviços e no superior vai ser, de amanhã em diante, introduzido o de *tea room*¹⁷.

A despeito da bela construção, o Pavilhão, como muitas ações do prefeito, não gozou de unanimidade. Por exemplo, quando Olavo Bilac publicou uma poesia exaltando a nova instalação, Carlos Laet pediu a ele que também escrevesse sobre as dificuldades pelas quais passava a cidade: “mas daqui lhe pedimos, ao estimado poeta, que também nas suas horas vagas componha algumas elegias, deplorando as torturas a que vivemos sujeitos pelas demolições irrefletidamente feitas” (*apud* BRENA, 1999, p. 483).

Se nas atividades turísticas, as mulheres encontraram espaços de maior presença social, com o remo houve seguimento desse processo. Na verdade, já os banhos de mar, mesmo que com muitas restrições, tiveram um importante significado para elas. Encarados como uma atividade ligada à saúde, acabavam por lhes permitir uma nova oportunidade de convívio social.

A princípio, as mulheres “de respeito” tomavam banho de madrugada, quando o dia ainda não clareara, e usando uma indumentária muito pesada e rigorosa. Ainda assim, isso significou uma grande distensão nos costumes da cidade e durante muito tempo mexeu com a imaginação dos homens. Nos jornais, era comum encontrarmos observações como esta: “curioso ver uma moça, quando é bem feita ou, como se diz, quando é bem acabada, sair e entrar no mar. [...] Quando sai a roupa adere ao corpo [...] se nota muito a cintura bem feita, muito seio bem contornado” (*apud* RENAULT, 1978, p. 173)

Na década final do século XIX, Hermínia Adelaide (uma conhecida artista) ainda escandalizava a população ao banhar-se, na Praia do Flamengo, com roupas coladas ao corpo, desenhando suas belas formas físicas. Todos paravam para olhar. As moças de família, encabuladas, viravam o rosto para os lados, e os homens, com a cabeça povoada de fantasias, não sabiam bem que atitude tomar. Os banhos de mar, se já eram mais aceitos, deveriam ainda seguir normas estéticas/morais rígidas. Mas as mudanças continuavam rapidamente em curso (MELO, 2015c).

Foi possível identificar três iniciativas de participação de mulheres como remadoras. Dois fatos se deram por volta de 1882/1883, quando três francesas remavam em Niterói (senhoritas Massiere, Tribouillet e Vianna), enquanto algumas inglesas faziam o mesmo em São Cristóvão (irmãs Fox).

A terceira e mais notável iniciativa foi a criação do Grupo de Regatas Feminino da Ilha de Pombeba (pequena ilha na Baía de Guanabara), em 1901, que não sobreviveu muito tempo, disputou apenas uma prova contra remadoras do Club Cajuense e sequer chegou a ser aceito para participar das regatas organizadas pelos clubes “masculinos”.

Isso não significa que não houvesse valorização da participação feminina. A presença de mulheres nas regatas era constantemente ressaltada e estimulada: à elas era atribuído o papel de torcedora saudável e atenta aos novos tempos. Assim, não é

¹⁷ Jornal do Comércio, 6 mai. 1906, p.8.

surpreendente que os jornais publicassem notícias como essa relativa a uma importante regata realizada no dia 9 de agosto de 1903: “Desde 10 horas que começaram a chegar os convidados e entre eles aquelas caravanas de peregrinas jovens, trajando vestes alegres, quais sorrisos infantis das alvoradas de agosto [...]. Era enorme o número de senhoritas, de toilettes claras e elegantes”¹⁸. Vejamos outra menção em uma matéria sobre as provas realizadas em 11 de outubro de 1903: “As arquibancadas ficaram repletas de convidadas e com um belo aspecto devido às variadas cores das toilettes das gentis senhoritas que iam dar o tom alegre a esta festa *sportiva*”¹⁹.

A despeito do tom das matérias, não se pode considerar que as mulheres tinham uma atitude passiva frente ao espetáculo esportivo. Como lembra Araújo (1993): “A intensidade e rapidez das transformações urbanas na virada do século XX deu novo impulso à dinâmica familiar, neutralizando a supremacia do poder masculino, diversificando as formas de socialização da mulher” (p. 58). Para Etelvina Trindade, era inegável a cada vez maior ocupação de espaços, algo ainda mais notável exatamente nos momentos de diversão:

o lazer é responsável por uma invasão feminina dos espaços da cidade. Trata-se de um novo domínio, oriundo em grande parte do desenvolvimento urbano, no qual a mulher que a sociedade conservadora oitocentista segregara nas dimensões do privado, retorna às ruas para nelas despender seu tempo livre nas lojas, nos parques, nas casas de espetáculos, nos campos de esportes, nos salões dos clubes recreativos (1996, p. 112).

Needell (1993), contudo, pondera e chama a atenção para que não se confunda um maior mundanismo com liberação. Para ele, a ampliação da possibilidade de participação feminina estava também inserida no contexto das necessidades dos homens dos “novos tempos”. Além disso, se a urbanização trazia interferências na reformulação dos papéis sociais, as mentalidades não mudariam tão rapidamente. Durante muito tempo ainda estaria associada à mulher uma ideia de beleza frágil, fundamentalmente situada na aparência e no vestuário. Assim sendo, por exemplo, durante algum tempo permaneceriam afastadas de uma atuação como atletas: tal postura se chocaria com os comportamentos delas esperados.

Creio que valha a pena adotar uma postura intermediária. Ao mesmo tempo que o aumento da presença feminina na sociedade (inclusive nos eventos esportivos) atendia a interesses masculinos, não se pode negar que também significou uma conquista. Se não era um indicador de libertação propriamente dita, era uma abertura de novos canais, indicadores claros de que uma mudança estava em curso²⁰.

Conclusão: uma cidade esportiva

Segundo Renault (1982), no ano de 1886 foram disputados 63 páreos de corridas de cavalos, tendo sido vendidos 549.613 poulas, “soma elevada para uma população de

18 A Canoagem, ano 1, n.7, p. 6, ago. 1903.

19 A Canoagem, ano 1, n.16, p. 3, out. 1903.

20 Para mais informações sobre o remo, ver Melo (2001).

cerca de 400.000 habitantes” (p. 200)²¹. Alguns anos mais tarde, o Jornal do Brasil (30 de abril de 1891) noticiou que o aumento de apostas foi de tal ordem que o Turf Club, em 1891, chegou a aumentar em 40% o salário do pessoal da casa de poule.

Uma das chaves para entender a grande popularidade do turfe é mesmo a existência das apostas. Mesmo aqueles que não podiam ir aos prados (os “operários”, segundo um jornal da época), ou que não apreciavam a modalidade, tinham a alternativa de testar a sorte nos muitos *bookmakers*, casas de apostas, espalhados pela cidade. Os clubes chegaram mesmo a criar modalidades de apostas mais baratas, para atender os menos abastados.

Jogava-se realmente muito na cidade e o que cada vez mais parecia interessar aos organizadores e ao público era a possibilidade de ganhar dinheiro, em detrimento de um suposto “caráter esportivo”:

as apostas entre meninos, senhoras e cavalheiros consistiam em doces, brinquedos, perfumarias [...] e os proprietários apostavam entre eles grandes somas em seus animais [...] mas depois da loteria de corridas? Nem mais se falava em pares de luvas, nem em rosários de balas, era a loteria para ganhar dinheiro²².

Em função disso, eram tantos e tão comuns os escândalos. Ironizou a Gazeta de Notícias em sua edição de 20 de junho de 1897:

Tanto se tem gritado contra a ladroeira nas corridas que os tribofeiros andam corridos. Passam-se corridas e corridas sem que haja um desses arranjos que fazem honra ao talento de quem os planeja e põe em execução. As corridas estão, portanto, se tornando monótonas, e a que ontem se realizou no Turf-Club esteve nesse caso. Andou tudo muito direito, sem uma reclamaçãozinha, sem uma cabeça quebrada ao menos. E chame-se aquilo de divertimento (p. 3).

As regatas chegaram a ter apostas. Em 1895, todavia, as agremiações náuticas passaram a excluí-las das competições, combatendo o caráter de jogo de azar e apresentando o remo como um “esporte saudável”, tanto física quanto moralmente. O amadorismo passou a ser uma palavra de ordem. Para garantir o encaminhamento dessas compreensões, aumentou-se o controle sobre a prática (com a criação de federações com rigorosos regulamentos) e entabularam-se iniciativas de o tornar reconhecido na cidade, inclusive pelas autoridades governamentais.

Por trás dessas decisões estava o próprio processo de mudanças pelo qual passava a sociedade carioca naquele *fin de siècle*. Um cronista, ao exaltar o remo, lembra que estava em construção uma nova ideia: “Houve tempo em que o *sport*, no Rio de Janeiro, era apenas a capa em cujas dobras se mascarava o jogo. Não se compreendia um *sport*, uma escola prática de força, de agilidade, de destreza, de saúde, sem o condicionamento da poule”²³.

21 Já segundo Costa (1961b), baseado no Jornal do Comércio, foram vendidas 532.160 *poules* (provavelmente não computou os dados do clube do Prado Guarany).

22 Jornal do Brasil, 3 jan. 1896. p. 3.

23 A Canoagem, ano 1, n.1, p. 5, jul. 1903.

O remo, assim, superaria uma comum ocorrência, se filiando a um claro projeto de regeneração:

Depois dos prados de corridas, a cavalo, a pé, ou em bicicleta, apareceram os frontões e os boliches e nas pernas do jóquei, nas plantas dos pés dos corredores, nas rodas das bicicletas, nas palmas das mãos dos pelotaris e dos jogadores de bola, o que a multidão via não era a regeneração e o aperfeiçoamento da raça humana, era o palpite, era o azar [...] era a sedução do mais empolgante de diabólico de todos os vícios.²⁴

Enfim, assim, define Olavo Bilac as contribuições do esporte náutico:

Basta comparar a grande geração, que atualmente envelhece no Rio de Janeiro, à geração nova que aí se está formando com o exercício do remo, para ver que benefícios se estão colhendo do desenvolvimento do esporte-náutico. Ver essa mocidade, exuberante de saúde e de alegria - é coisa que encanta e orgulha. [...] O contato diário com o ar livre e com os perigos do mar salva-a do desânimo e do abatimento moral (*apud* MENDONÇA, 1909, p. 397).

Nesse mesmo cenário, cada vez mais o esporte seria apresentado como um substituto para as antigas práticas tradicionais da população, entre as quais as brigas de galo, as touradas, a capoeira. Consideradas como bárbaras e violentas, passaram a ser tidas como indignas para um país que se pretendia moderno.

Enfim, nos anos iniciais do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva” (1998); algo que vinha se desenvolvendo desde meados do século XIX. Naquela primeira década, outras práticas esportivas já estavam em processo de organização: atletismo, natação, pólo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, tênis, automobilismo e a prática que mais marcaria a cidade e o país, o futebol. A ginástica e o halterofilismo também começavam a cair no gosto da população. Já algumas modalidades não se desenvolveriam por motivos diversos: o jogo das pelotas seria perseguido pela grande relação com as apostas, o críquete nunca se tornaria popular.

De qualquer maneira, o esporte já se constituía em uma das principais práticas de diversão para todos os estratos da população. O Rio de Janeiro já era uma *cidade sportiva*.

Referências

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer** - a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.

BRENA, Giovanna Rosso Del (Org.). **O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II**. Rio de Janeiro: Index, 1999.

²⁴ A Canoagem, ano 1, n.1, p. 5, jul. 1903.

CARVALHO, Ney O.R. (Ed.). **Jockey Club Brasileiro** - 130 anos. Rio de Janeiro: um século e meio de turfe. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Editora, 1998.

COSTA, Néelson. **Páginas cariocas**. Guanabara: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1961a.

COSTA, Cássio. **O turfe de outrora**. Rio de Janeiro: Vida Turfista, 1961b.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

GIULIANOTTI, Richard. **Sport: a critical sociology**. Cambridge: Polity Press, 2005.

HECK, Marina de Camargo. Comer como atividade de lazer. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 136-146, jan.-jul. 2004.

MARZANO, Andrea. **Cidade em cena: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)**. Rio de Janeiro: Folha Seca/FAPERJ, 2008.

MARZANO, Andrea, MELO, Victor Andrade de. **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830 - 1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

_____. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (século XIX-primeira década do século XX). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, jul.-dez. 2007.

_____. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, Hélder e SILVA, Sílvio Ricardo da. **Estudos do lazer: um panorama**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

_____. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 23, p. 15-36, set.-dez. 2013a.

_____. "Temos apaixonados para o mar e para a terra": representações do esporte nos folhetins (Rio de Janeiro; 1851-1855). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 553-566, dez. 2013b.

_____. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). **História**, Franca, v. 32, n. 2, p. 163-188, dez. 2013c.

_____. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 365-392, dez. 2013d.

_____. Antes do club: as primeiras experiências esportivas na capital do Império (1825-1851). **Projeto História**, São Paulo, v. 49, p. 197-236, abr. 2014a.

_____. Educação do corpo – bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 751-766, jul. 2014b.

_____. "Pois temos touros?": as touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1840-1852). **Análise Social**, Lisboa, v. 50, n. 2, p. 382-404, 2015a.

_____. O *sport* em transição: Rio de Janeiro, 1851-1868. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 363-376, 2015b.

_____. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do Século XIX. **Revista de História da Universidade de São Paulo**, n. 172, p. 299-334, jan.-jun. 2015c.

_____. **Novos usos do corpo: a fashionable** patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1878-1892). Rio de Janeiro: PPGHC, 2016a.

_____. **A sociabilidade britânica no Rio de Janeiro do século XIX: os clubes de cricket** (1854-1901). Rio de Janeiro: PPGHC, 2016b.

_____. Mudanças nos padrões de sociabilidade e diversão: o jogo da bola no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). **História**, São Paulo, no prelo, 2016c.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. **A gymnastica nos tempos do Império**. Rio de Janeiro, 7 Letras/Faperj, 2014.

MELO, Victor Andrade de; SCHWAN, Thaina Pacheco. **Bebida, comida diversão e arte: as fábricas de cerveja no Rio de Janeiro do século XIX (1856-1884)**. Rio de Janeiro: PPGHC, 2016.

MENDONÇA, Alberto B. **História do sport náutico no Brasil**. Rio de Janeiro: Federação Brasileira de Sociedades de Remo, 1909.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PACHECO, Eduardo. **Crônicas do turf fluminense**. Rio de Janeiro: s.n., 1893.

RENAULT, Delso. **Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais - 1850-1870**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1978.

RENAULT, Delso. **O dia a dia do Rio de Janeiro segundo os Jornais - 1870-1879**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, 1982.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

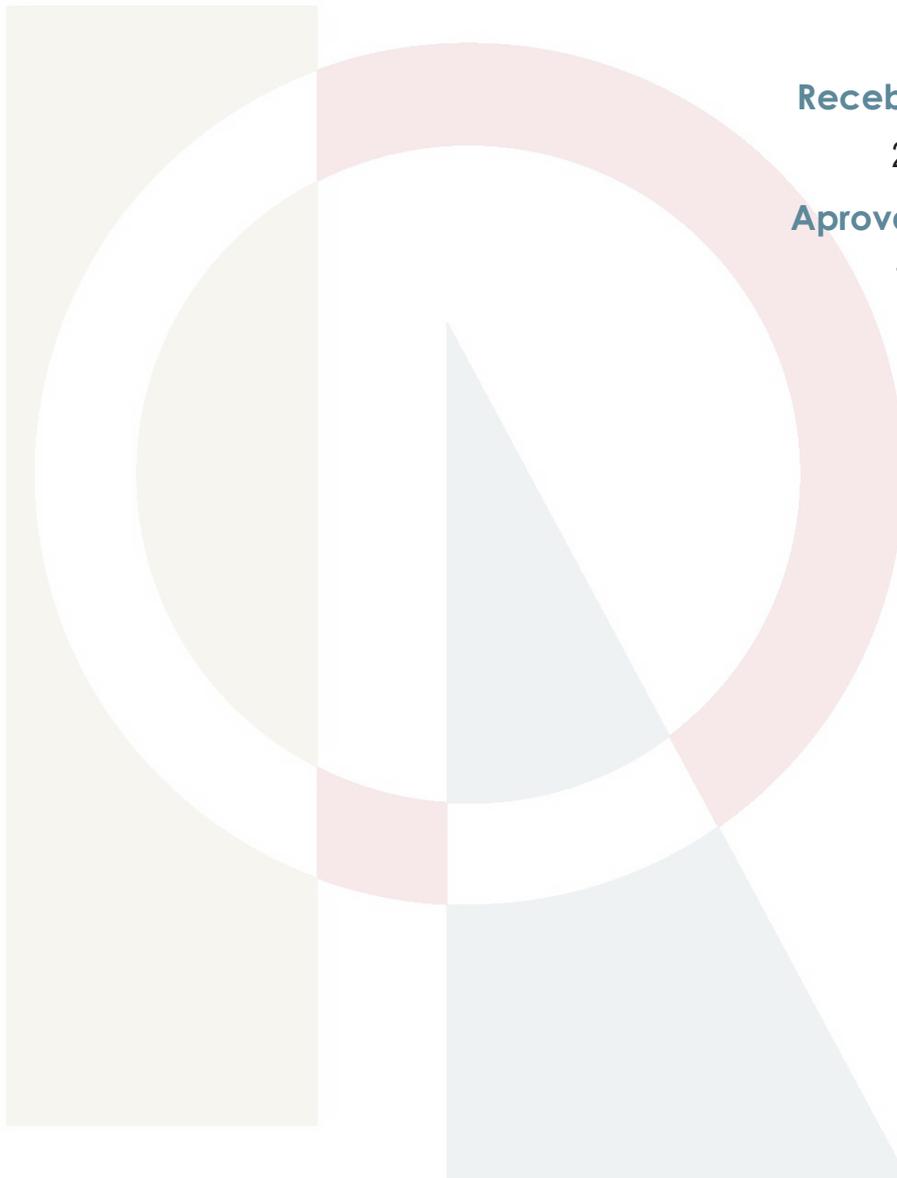
SCHWARCZ, Lilia Moritz. Cultura. In: SILVA, Alberto da Costa (Coord.). **História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 1 – Crise colonial e independência (1808-1830)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p. 205-248.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. **Projeto História**, São Paulo, n. 13, p.109-120, jun.1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, abr. 2002.

Endereço para correspondência

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
victor.a.melo@uol.com.br
Largo de São Francisco de Paula, 1 - Centro, Rio de Janeiro - RJ, 20051-070



Recebido em:

23/04/2016

Aprovado em:

11/06/2016